

O Diário de Ribeirão Preto

21/5/1985

Bóias-frias entram em greve

Pelo menos quatro mil dos 150 mil bóias-frias existentes na região de Ribeirão Preto (a 319 quilômetros de São Paulo) entraram em greve na manhã de ontem, antes mesmo de ter início na DRT, em São Paulo, a rodada decisiva de negociações entre a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (FETAESP) e a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP).

A paralisação teve início às quatro horas da madrugada, em Batatais (a 40 quilômetros de Ribeirão Preto), quando cerca de 1.200 dos 500 bóias-frias do município bloquearam o trevo de acesso à cidade, na rodovia Cândido Portinari, não permitindo que os caminhões pau-de-arara seguissem para os canaviais. Menos de uma hora depois o movimento eclodiu em Bebedouro, onde três mil dos 10 mil apanhadores de laranja decidiram formar piquetes nas principais saídas da cidade.

A greve dos volantes de Batatais que teve início com os trabalhadores do setor canavieiro, sofreu uma reviravolta ainda durante a formação dos piquetes: como o número maior de caminhões parados era dos bóias-frias que trabalham na colheita do café, as reivindicações passaram a ser feitas em torno do preço da saca colhida e do estabelecimento de diária mínima de Cr\$ 50 mil, além da eliminação do "gato" (empreiteiro) e registro em carteira.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Batatais, Otávio Sampaio da Silva, 70, que afirmou desconhecer a origem do movimento, atribuiu ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, e vice — José de Fátima Soares, 28, a responsabilidade pelo início da greve. "É uma jogada da CUT, que quer usar o Conclat como escada para ganhar projeção", acusou Otávio Sampaio, para quem José de Fátima "está armando um esquema para tirá-lo do sindicato nas eleições de setembro".

O sindicalista de Guariba, que ontem esteve em Batatais coordenando a formação dos piquetes, alegou em Ribeirão Preto que "só foi para lá atendendo convite dos trabalhadores". Segundo ele, a proposta de greve será levada aos bóias-frias independente dos sindicatos aceitarem ou não. "Na reunião de sexta-feira, em Araraquara, deixei claro aos participantes que tinha força suficiente para parar Batatais, Brodósqui e Guariba e estou dando mostras disso", afirmou ele.

NEGOCIAÇÃO

O início da greve em Batatais foi pacífico e os poucos policiais deslocados para o único ponto de piquete acompanharam as manifestações à distância. Por volta das 8 horas da manhã os bóias-frias se deslocaram a pé para a sede ao sindicato, onde foi elaborada uma pauta de reivindicações.

Alguns dos fazendeiros da região e mais o presidente do Sindicato Rural de Batatais, Mario Alberto de Oliveira, 39, estudaram o documento junto com uma comissão de trabalhadores, mas somente três dos seis itens foram aprovados: registro em carteira, eliminação do "gato" e fornecimento pelos patrões de equipamentos destinados à colheita. "As outras reivindicações, diária de Cr\$ 50 mil, saca colhida também a Cr\$ 50 mil ou Cr\$ 5 mil por pé colhido são inegociáveis", disse Mario de Oliveira, que ontem à noite voltou a se reunir com os produtores do município.

Segundo ele, os preços que vem sendo pagos hoje (de Cr\$ 8 mil a Cr\$ 20 mil por saca, dependendo da lavoura estão dentro dos parâmetros normais, isto porque o incentivo para o café está abaixo dos valores reais". "A saca está sendo comercializada a Cr\$ 450 mil quando o preço deveria estar em torno dos Cr\$ 900 mil", alegou.